

ANGÚSTIA

Milton Fagundes

E esse foi seu o primeiro contato com a morte. Um cenário típico: à noite, quando o coração bate mais forte, quando as luzes todas se apagam, as portas se fecham, e janelas ficam entreabertas. Não sabemos o que irá acontecer, nem mesmo se iremos acordar no outro dia. Assim é a noite, assim é o sono, assim é em sonhos.

Desvaneciam-se todas as coisas. Dissolviam-se no tempo, no vento e em tudo mais que ali estivesse entre André e Vitor. Uma presença. Bem mais leve que o ar, menos reconhecível que qualquer rosto, bem menos que tudo um dia tivesse lhe aterrorizado. Era a Morte que tinha entrado em seu quarto, à noite, quando tudo estava apagado, a porta bem fechada, janelas pouco entreabertas e um barulho – aquele mesmo barulho que sempre vinha da casa vizinha. De sua casa ouvia-se os mesmos sons. Curiosamente seu terraço estava sempre aberto, com as mesmas roupas no varal, movendo-se no mesmo ritmo. Sempre e exatamente da mesma forma. Tudo sempre à noite.

Há tempos André ia dormir com a mesma angústia; sentia sempre que seu coração se apertava nas vezes que ia fechar a janela antes de dormir. Precisava deixá-la entreaberta. Sentia uma vontade pouco confortável de querer saber o que haveria dentro da casa ao lado. O que haveria ou como seria entrar pela porta aberta do terraço. Era fascinante – reconhecia ele – ver o escuro que ao cair da noite pouco a pouco ia invadindo a casa quase – ou aparentemente – abandonada. Via a casa da vizinha, uma senhora que morava só. Debruçava-se ali para ver se encontrava algo. Será que alguém lhe espiava? Será que alguém estava na casa daquela senhora? Havia vida ali dentro? Talvez sua vida estivesse ameaçada. Silenciava-se por longos instantes, enquanto sua obsessão e curiosidade, ao passar do tempo, ia lhe consumindo e tomando forma. E aquela senhora? Não estaria morta? Tinha deixado a casa simplesmente, com suas roupas e uma das portas abertas? Será que tinha morrido sozinha? Talvez estivesse em sua cama, tivesse sido pega de surpresa. Talvez estivesse suja e largada no chão. Sozinha. Talvez estivesse ali sua perturbação, sua depressão, seu espírito. Abandonada por completo. Talvez André estivesse ali e não soubesse. Talvez precisasse prestar socorro. Socorro. O mistério estava bem ao lado. Afinal o que é a morte? Por que é tão sacralizada e temida? Não é apenas uma passagem. Uma passagem.

André? Vem deitar – pediu Vitor.

O outro momento.

Quase nunca, há dias, não conseguia mais se deitar em paz. Tinha sonhos não tão bons, irrelevante às vezes, porém cheio de alguma coisa. Experiências sensíveis e irreconhecíveis. As posições em que deitava era a mesma – provavelmente elas atraíam seu sono: esticava o corpo, juntava as mãos e deixava sua cabeça ao alto. O teto. Desde criança André tinha se acostumado a sempre ouvir a mesma coisa de sua tia: Não durma assim, parece que está chamando a morte! Temia, às vezes, mas em outras pensava: Que mal há em chamar a morte. Assim fazia até virar

adulto. Vitor, por outro lado, não acreditava em coisas dessas e, apesar de algumas transgressões morais, preferia evitar certas questões e viver como dava.

Deitado, após sua prece de gratidão, André esperava o sono vir.

O avô de André tinha vindo visitá-lo sem avisar, enquanto estava sozinho em casa. Foi tudo uma surpresa, afinal não se viam há quase sete anos. Por algum motivo a partida e chegada do avô lhe trazia uma *certa* perturbação. A memória não lhe ajudava a lembrar do motivo da angústia – angústia já conhecida – das outras sensações. A visita trazia algum bem a mais do que surpresa. Olhava para o avô, conversavam – até chorava algumas vezes. André acatava suas mesmas ordens, ria das mesmas situações, e fazia com ele se sentisse bem em sua casa. Olhava com desconfiança, estranhava estar à mesa com o avô que há anos não dava as caras. E começava a chorar de novo...

Seu avô se vai.

André desperta e fica intacto, bem quieto por algum tempo, até escutar o ronco de Vitor. Sente um conforto sem igual ao encontrá-lo ali, e lembra-se do quanto recebeu graça ao encontrá-lo após ter ficado tanto tempo sozinho – já tinha se acostumado com a ideia de morrer sozinho.

Olha Vitor ao seu lado.

Vai até a sala e percebe que a visita do avô não tirou nada do lugar. Os mesmos livros e arranjos novos sobre a mesa. As almofadas todas empilhadas no sofá. A televisão desligada. O pequeno aquário funcionando bem. Tudo estava em seu lugar, em ordem e bem. Então vai à cozinha, ao banheiro, abre a geladeira, senta-se no sofá, sobe até o terraço, vê sua porta bem fechada com cadeado. Volta para o quarto e vê que Vitor está na mesma posição, intacto e calmo. Como dorme bem! Certamente ele não tinha tantas questões como André. Provavelmente estava feliz com a vida mansa e segura que tinha, com seu trabalho e a pessoa com quem escolheu viver até a morte lhes separassem por qualquer que fosse o motivo. Vitor sempre foi assim, nunca se aborrecia com nada: ou sofria calado ou raramente comentava suas insatisfações. Ouvia bem. Sabia escutar e olhar como ninguém.

André deu-lhe um beijo – esperava conseguir alguma reação. Vitor se esquivou, quase que se espreguiçou, deu um sorriso, virou para o outro lado da cama para não perder o sono – André tinha a mania de acordá-lo de madrugada para conversar e contar seus medos. Dessa vez, não. A partir daquela noite não contaria mais nada – acho que essa foi sua decisão.

Olha para um lado e outro, mas não consegue evitar a janela entreaberta – isso lhe incomodava um pouco. Então, finalmente, André a fechou. Sentiu falta de ar, um incômodo maior ainda, então se levantou mais uma vez, abriu ela por inteiro e tornou a ver o lado da vizinha. Ficou ali com as mesmas questões de sempre, à procura das mesmas respostas – as suas dessa vez – com a mesma angústia, como se ali estivesse tudo: naquele lugar, na casa de uma mulher que nunca havia lhe cumprimentado. Mas por que esse terraço? Por que essa casa? Por que do outro lado? Por que a essa hora? Era apenas uma simples bobagem – lembrou-se do que Vitor disse. Lembrou-se que precisava ir deitar.

Vitor já tinha se acostumado a viver daquele jeito, sabia que nas noites era bem mais que um amante, bem mais que um companheiro: era, na verdade, o seu salvador – um redentor. Sabia

que não podia dormir de bruços, como todo mundo. Tinha que ficar em uma posição que fosse boa para os dois; de preferência para que, de madrugada, André pudesse de resguardar. Quase sempre vinha colocar a cabeça em seu peito, as mãos nas costelas e uma das pernas – geralmente a esquerda – sobre uma das pernas dele. Assim poderia estar em paz, assim os dois poderiam dormir em paz. Vitor pensava muito no que fazia ali, por que estava ali, por que aceitou toda aquela carga, por que vivia daquele jeito há quase sete anos, com os mesmos dias de amor, os mesmos motivos de angústia – ele estava doente? Mas e André? Ele tinha um motivo? Mas e André? Por que ele não conseguia sair daquela inércia? Ele parecia não reagir, ficava como um zumbi procurando respostas à noite, sem dormir. Sem permitir que ninguém dormisse em paz.

Dormia. *Mas* dormia. André lembrou-se. Deveria voltar a dormir.

Estava sentado em frente a uma construção enorme, em um campo vastíssimo. Queria saber o que haveria lá por dentro. Parecia uma outra cidade. Tinha sentado em uma escada. Uns três ou quatro degraus – sentou-se no último. Ao mesmo tempo olhava para nada, não sabia o que estava comendo, não se lembrava de nada. Olhava tudo a sua volta. Bem mais a sua frente, do lado esquerdo, uma cerca alta e verde. Um homem vinha falar com ele. Tinha um chapéu estranho que parecia de palha. Já tínhamos estado por aqui antes. E tudo some mais uma vez.

O velho moço insiste em chegar mais perto.

Ele vem e conversam.

Não conseguia compreender nem prestar muita atenção – na verdade André não conseguia escutar o que ele dizia. Um velho mal vestido, com uma pá. Surpreende-se com seu modo de falar. Um rosto era familiar. A tentativa de ensinar algo, de mostrar algo. O esforço grande para abrir os braços. Abrir os braços. Abria os braços. Abria para mostrar que era tudo, *tudo* mesmo, tudo o que estava ali e até mesmo além da cerca.

Do que ele falava mesmo? Do que o senhor está falando, senhor? Nenhum parecia escutar o outro. Parecia que não havia vozes. Parecia que ambos estavam em lugares diferentes, mas, por algum motivo, juntos. Uma parede de vidro, ou algo invisível? Uma fronteira entre dois mundos? Como um podia ver o outro então? Como ele consegue me ver? Como eu consigo vê-lo? Como Vitor continua dormindo ao meu lado com esse velho tentando me mostrar o mundo? O velho moço não tem as mesmas preocupações, apenas tentava mostrar o lugar.

Um portão grande.

O grande portão de grade verde se abria. Acho que pelo menos umas vinte pessoas entravam de uma vez só. Todas juntas. Ao mesmo tempo. Não muito bem vestidas, estavam como o velho senhor – agora distante de mim – que não tinha mais a pá. Nem mesmo a resistência. Ficou impressionado mais uma vez: as pessoas iam, cada uma para seu buraco. Por isso não estavam bem vestidas? Iam todas para um buraco não tão profundo. Iam todas sem pressa – talvez estivessem conformadas – para seu buraco. O buraco. André estava perto. Agora mais perto. Entre essas pessoas. Com elas não podia falar. Seguia junto com elas. Do outro lado via o primeiro entrar – era uma cova. Um rapaz parecia estar pouco conformado enquanto o velho conversava com ele. Dessa vez o velho com chapéu estranho não abria os braços, sua voz permanecia inaudível, apontando apenas para a cova em que o rapazinho de blusa cor de vinho iria se deitar,

para sempre. Talvez para sempre. Ele chorava, tinha medo. Questionava. Tudo. Não sabia por que estava ali. Ali. Mas medo de quê? Era apenas um buraco. Apenas uma passagem. Logo depois desapareceria – tudo e todos os outros desapareceriam – a terra cobriria tudo e não mais existiria o outro lado do mundo. Aquele *pequeno* audível mundo.

Você precisa entender que a morte não apenas isso – passou alguém lhe dizendo isso. O susto levou todo mundo embora.

Expirou André, abriu os olhos em seu quarto. Estava sentado no chão brincando com um de seus brinquedos, quando o avô lhe chamou para ajudar no quarto ao lado. Caramba! O avô estava bem mais disposto do que na última visita que fizera, parecia mais jovem, estavam os dois no quarto em que seu avô costumava dormir com sua falecida esposa. Praticamente demolido, tudo estava bagunçado por causa de uma obra e mudança que nunca existiu. Os dois pensaram em mudar-se por causa da esposa que tinha morrido de câncer. Nunca aconteceu. Os dois ficaram ali parados. André com seus brinquedos e preso em casa. Seu avô que pensava em mudar toda a casa. O quarto do casal.

Juntou toda *poeira* do cimento, quebrava a porta, cortava-se com os pisos, revirava a massa, tirava medidas, batia nas paredes – todo santo dia sem nenhum progresso. Avô acostumara-se àquilo por algum motivo. Até que chamou o neto para lhe ajudar. Inércia. *Segura isso aqui!* Passou um minuto, dois, três... dez, mas não sabia por que estava ali. Não fazia muito sentido, sabia que a obra era um pretexto para estarem ali por mais tempo – *o seu avô não deveria estar ali*. Ele já estava morto. André percebe que o avô estava morto há muito tempo. Mas continuou ali, segurando a pá mais alta que ele, já bem cansado e entediado. Continha as lágrimas, deixava cada uma delas acumularem-se ali, nenhuma delas podia cair. Aquele momento passaria. O avô não falava mais nada, só levantava poeira e revirava o pouco de massa com sua colher de pedreiro bem enferrujada. Olhava para um lado e outro, via uma escada de ferro que ia para a cozinha. O lugar onde tinha posto a porta estava fechado com concreto – nunca mais se abriria. Seu caminho deveria ser outro a partir de agora. A janela que caía aos pedaços totalmente aberta. Uma tela de proteção. Nada mais fazia sentido ali. Em tudo tinha sido mexido um pouco. Meu avô está morto. Morte. Morto há um bom tempo.

Havia algo naquilo tudo, uma razão. O quarto não era seu quarto, mas o quarto da casa onde tinha morado em sua época de criança. André franzia a testa, sentia-se angustiado, não muito, porque aquilo era bem familiar, até mesmo o cheio do feijão refogado que a avó fazia sempre bem concentrada. A geladeira ainda era aquela mesma e vermelha, o armário era o mesmo, só que bem mais quebrado. A pia baixa. André observava tudo, até mesmo sua vó virando em fúria para dar uma chinelada em dada no malcriado que se jogou no chão e batia as pernas na pirraça. Eu quero! Mas eu quero! Porque eu quero, vó! André assistia a surra que levou quando era criança bem concentrado e braços cruzados. Na sala estava o avô sentado com a mesma ceroula, de pernas cruzadas assistindo aos telejornais de outros estados, com o mesmo cheiro de sempre. Como ele não levanta dessa cadeira? Ele não me ouviu berrar.

Depois tudo passa. André está com seu pratinho verde almoçando – arroz, feijão e ovo cozido –, o avô vem para a sala com seu prato e sua avó come na cozinha. Sempre calada e perdida

em seus pensamentos. Ela coloca uma cadeira velha perto da pia, onde apoia seu prato e come durante o almoço e janta. André de pé assiste tudo. Aos três. Bem impressionado e sem saber o porquê de estar ali. Outras cenas mais passaram ali: a doença do avô, a teimosia da avó, as brigas dos dois, os dias em que não havia luz, os dias em que iam ao mercado e compravam apenas o necessário, a gorjeta que davam ao entregador, a cozinha enfeitada daquele óleo em fritura, as vezes em que o avô lhe buscou na escola, o dia em que a avó lhe deixou ir sozinho pela primeira vez, os dias em que comiam alface, o abacate, a roupa de cama no chão, o dia em que disse que não mais moraria ali naquela casa, o momento em que seu avô lhe perguntou “Mas por quê?”, o momento que se foi, o momento que chegou nesta casa e seu avô que disse que sua avó tinha morrido. Lembrou-se do escândalo e do dia em que avô nunca mais acordou...

André lembrou-se de toda sua vida, mas não tinha muito tempo, o velho precisava fechar sua cova. Enquanto descia à sepultura, lembrou-se da última noite com Vitor, quando pela última vez deitou-se em seu peito, depois de tantas agonias secas. Seu espaço tinha sido fechado e finalmente tinha se desligado de tudo.

O dia amanhece.

A janela permanece entreaberta, entra a luz, e Vitor acorda sentindo o namorado frio e intacto.